

Rebelião e convenção: história e crítica literária na obra de Sérgio Buarque de Holanda dos anos 1950.

Thiago Lima Nicodemo – PPG-USP

Ao comentar o modo muito particular com que Sérgio Buarque de Holanda articula a topologia proposta pelo filólogo alemão Ernst Robert Curtius, no livro *Visão do Paraíso*, o crítico Luiz da Costa Lima, em texto recente, utiliza-se da conhecida metáfora feita pelo padre Vieira sobre o semeador – que ao semear não sabe como serão os frutos de seu trabalho¹. A comparação deste crítico literário me parece oportuna pois toca em dois aspectos fundamentais do processo de apropriação da obra de Curtius por Sérgio Buarque de Holanda.

O primeiro é que, ao falar de apropriação, pressupõe-se um processo em que um autor planta uma semente sem ter idéia alguma de como serão seus frutos, ou seja, de como seus leitores compreenderão e posteriormente utilizarão suas idéias. Neste sentido, Costa Lima observa as várias diferenças entre as idéias de Curtius e a leitura feita a partir delas pelo historiador brasileiro.

O segundo aspecto é que leitores como Sérgio Buarque de Holanda, na condição de autores, sujeitam-se ao mesmo tipo de processo – ao produzirem suas idéias dificilmente são capazes de imaginar como elas serão interpretadas. Deste modo, Costa Lima penetra no ânimo do historiador em um momento de balanço e auto-reflexão em sua obra. Ao referir-se ao processo de apropriação da obra de Curtius por Sérgio Buarque, o crítico tem em mente o prefácio à segunda edição de *Visão do Paraíso* no qual seu autor procurou esclarecer aos seus leitores e talvez a si próprio o sentido de seu livro e suas possíveis inspirações. Reproduzo as palavras de Sérgio Buarque sublinhadas por Luiz da Costa Lima:

O tema deste livro é a biografia de uma dessas idéias migratórias, tal como se desenvolveu a partir das origens religiosas ou míticas (capítulos VII e VIII), até vir implantar-se no espaço latino-americano, mormente no Brasil. Para isso foi de grande serventia o recurso à Tópica, no sentido que adquiriu esse conceito, tomado à velha

retórica, desde as modernas e fecundas pesquisas filológicas de E. R. Curtius onde, conservando-se como princípio heurístico, pôde transcender aos poucos o cunho sistemático e puramente normativo que outrora distinguia, para fertilizar, por sua vez, os estudos propriamente históricos².

Apesar de citar a obra de Curtius mais de uma vez desde a primeira edição de *Visão do Paraíso*, foi apenas dez anos depois, no prefácio da segunda edição deste livro, que Sérgio Buarque de Holanda admitiu ter se inspirado na obra de Curtius, utilizando-a como ferramenta em sua investigação. Os motivos edênicos do descobrimento e expansão do Brasil são análogos à tópica utilizada na investigação dos traços latinos das culturas regionais e nacionais européias³.

A tópica proposta por Curtius é um sistema de identificação e classificação de regularidades discursivas – fórmulas de construção do discurso herdadas da retórica antiga, um dos pilares da cultura latina européia. A retórica, doutrina da construção dos discursos, foi extremamente difundida durante a Antigüidade e utilizava os *topoi* como elementos de adequação dos discursos às suas finalidades. Com o fim do Império Romano, a cultura latina se dissolveu e, com ela, a retórica fragmentou-se. Os *topoi* concebidos originalmente como fórmulas utilizadas na construção dos discursos perderam seu significado estritamente normativo e impregnaram-se nas culturas regionais.

A Idade Média, neste sentido, ganha o status de elo de ligação entre as culturas européias nacionais. Isto seria uma obviedade se não lembrássemos que Curtius lutava contra o conhecido preconceito de associar-se a Idade Média a um período de trevas e declínio no qual a cultura clássica foi praticamente esquecida⁴. Por isso o filólogo alemão procura investigar as reminiscências e mutações da cultura clássica em um cenário político de descentralização.

A identificação de permanências discursivas relacionadas originalmente com a retórica antiga permitiram a Curtius reconstruir o denominador comum das literaturas nacionais européias – a cultura latina. Segundo a proposição de Sérgio Buarque de Holanda, a tópica de Curtius é, de certo modo, equivalente aos motivos edênicos

estudados em *Visão do Paraíso*. Estas observações permitem que Costa Lima formule sua proposta de leitura:

...foi o estudo da tópica por Curtius que serviu de principal ferramenta para que Sérgio Buarque pusesse em movimento e conseguisse um modo de articular sua imensa erudição, convertendo-a em um precioso instrumento interpretativo sobre a *forma mentis* dos colonizadores ibéricos.⁵

Uma vez esclarecida sua hipótese, o crítico propõe a divisão de sua argumentação em duas partes. A primeira consiste na exposição didática da obra de Curtius. Em seguida, procura analisar como Sérgio Buarque apropriou-se da tópica de Curtius, transformando-a em um instrumento muito pessoal de investigação histórica⁶. Ainda ressoa em seu discurso a metáfora do semeador; Costa Lima reforça que a apropriação da tópica por Sérgio Buarque de Holanda não consiste na aplicação mecânica de um método ou uma teoria proposta por determinado autor, mas é, em si, um processo de criação e adaptação.

Ao reduzir as literaturas nacionais e regionais européias ao denominador comum da Idade Média Latina, a tese de Curtius confrontava-se diretamente com as histórias da literatura nacionais e por extensão com um dos princípios organizadores do Estado Nacional Moderno. *Literatura européia e idade média latina* pertence deste modo a um momento cultural alemão de fins da Segunda Guerra Mundial, pautado pela tomada de consciência dos desastres do nacional-socialismo. Ao criar uma ferramenta que busca a relação entre as diversas culturas nacionais européias, Curtius subverte um dos princípios do nacionalismo e oferece ao pesquisador, naquele instante, a oportunidade de “desfazer a mancha negra da Alemanha e, sobretudo, de reintegrá-la no espírito do Ocidente, desde suas origens gregas e romanas.”⁷

Costa Lima arremata: “como o historiador teria, ao mesmo tempo que apreendia a riqueza da frente que a tópica lhe apresentava, evitando que ela fosse um elemento perturbador da desejada compreensão histórica?”⁸. Esta é, segundo o crítico, a chave para a compreensão do caráter pessoal que Sérgio Buarque dá à tópica e que por sua

vez serve de porta de entrada para a discussão do método em *Visão do Paraíso*⁹. Feita a exposição do texto de Luiz da Costa Lima estabelecerei algumas observações no sentido de levar adiante sua reflexão original.

Em artigo datado de 26 de novembro de 1950, Sérgio Buarque de Holanda, então crítico titular do suplemento literário do jornal Diário de Notícias¹⁰, fez comentários em sua coluna que nos ajudam a perceber a utilização muito pessoal que deu à obra de E. R. Curtius. Neste artigo, Sérgio Buarque discute algumas obras previstas no projeto de traduções e publicações do Instituto Nacional do Livro dirigido por seu antigo companheiro de trabalho, Augusto Meyer; em suas palavras:

Um desses livros é a obra mestra de Ernst Robert Curtius dedicada à literatura européia e a Idade Média latina, que, publicada na Suíça há apenas dois anos, já se tornou contribuição clássica nos domínios da história e da crítica. Assinalando com agudeza e erudição exemplares a continuidade da tradição literária do mundo ocidental, o ilustre romanista pôs admiravelmente em prática um dos princípios que vêm norteando há longo tempo suas investigações. Ou seja, o de que, representando embora atividade distintas, com métodos e finalidades próprios, a história e a crítica literária podem morar na mesma casa¹¹.

É possível que nesta primeira leitura de Curtius Sérgio Buarque ainda não conhecesse as possibilidades de análises literárias e históricas através de elementos da retórica, pois não se refere diretamente em nenhum momento do artigo à tópica. No entanto, o historiador brasileiro foi capaz de encontrar em Curtius, mesmo que instintivamente, uma alternativa de análise literária que privilegiava aspectos formais – “a continuidade da tradição literária no mundo ocidental” – sem abrir mão de sua densidade histórica. A leitura de Curtius é condicionada neste sentido por um dos temas principais que Sérgio Buarque vinha discutindo em seus artigos de jornal durante quase toda a década de 1940.

Ao analisar em seus textos publicados em jornal ao longo do final da década de 1940 e início da década de 1950, pode-se perceber que a leitura de Curtius, ilustrada no trecho acima, tinha um sentido de contraponto à tendências de análise literária que

privilegiavam a reflexão sobre a forma literária, esvaziando as relações da arte com a sociedade, com a história.

Em seus artigos de jornal, Sérgio Buarque vinha debatendo tendências da crítica que considerava ‘formalista’ como o *new criticism*. Para ele, a crítica formalista bloqueava as possibilidades de reflexão sobre a relação das obras literárias com a sociedade e o tempo na qual foram produzidas¹². A obra de Curtius permitia assim a articulação de elementos formais que ampliavam as possibilidades de análises históricas. Por isso o historiador brasileiro encontrou em Curtius uma proposta para que as disciplinas da história e da crítica literária “morassem na mesma casa”.

Por outro lado, tendências como o *new criticism* teriam o mérito de privilegiar uma análise interna das obras, atenta particularmente à questão da criação literária. Desta maneira o *new criticism* se contrapunha aos determinismos de toda ordem na crítica, em especial àqueles que privilegiavam explicações biográficas ou psicológicas. Como conciliar, portanto, uma crítica atenta à historicidade dos processos sociais incorporando os postulados mais construtivos da crítica formalista?

Assim podemos ter uma idéia mais precisa do significado que teve a leitura de *Literatura européia e idade média latina* para Sérgio Buarque ainda no início dos anos 1950. A obra de E. R. Curtius foi lida como uma possível alternativa a um dilema delineado durante praticamente toda a década de 1940 sobre os limites da crítica formalista. Algumas idéias do filólogo alemão poderiam tornar-se ferramentas bastante eficazes de uma análise histórica que se aproximasse dos aspectos formais e internos dos textos – e que como sabemos, graças ao artigo de Luiz da Costa Lima – de fato se tornaram ferramentas no desenvolvimento de *Visão do Paraíso*.

Entretanto, podemos dizer também que há uma grande distância entre a leitura de Curtius feita no início dos anos 1950 e aquela que conheceríamos com *Visão do Paraíso*. Como ressaltai anteriormente, a crítica baseada em elementos da retórica e sua ligação

com a tópica não foi objeto da atenção do historiador até aquele momento. Voltada aos padrões de construção das obras, algumas idéias de Curtius poderiam contribuir para a historicização de processos ainda pouco compreendidos nos parâmetros da crítica mais tradicionalista.

Esta é apenas uma das questões impulsionadas pela elaboração de um trabalhoso livro. Por ter se notabilizado como crítico ao longo dos anos 1940, Sérgio Buarque de Holanda foi convidado a organizar uma antologia de textos poéticos coloniais, parte de uma coleção de antologias que vinha sendo publicada desde finais da década de 1930 pelo Instituto Nacional do Livro, instituição com a qual era muito ligado, pois havia sido diretor de sua Seção de Publicações¹³. Entre aproximadamente 1949 e 1951, empreendeu um trabalho de alto nível de erudição, no qual estabeleceu questões nebulosas sobre a grafia de algumas palavras, localizou alguns inéditos, e discutiu a atribuição de autoria do universo de textos produzidos na América portuguesa. A *Antologia dos poetas brasileiros da fase colonial* foi publicada em 1952¹⁴.

Além de exaustiva pesquisa em arquivos e bibliotecas, a escolha e preparação dos textos foi realizada com ajuda de vários instrumentos teóricos que Sérgio Buarque discutiu em sua crítica literária. Na *Antologia*, o historiador mobilizou recursos como análise do ritmo, musicalidade, convenções métricas e lexicais que possibilitaram correções de palavras e o estabelecimento de textos mais fidedignos.

Ao compor este livro o historiador obteve respostas bastante objetivas sobre os limites da análise formal, articulando algumas de suas ferramentas mais construtivas, mas sem prescindir das suas preocupações históricas. É possível supor que sua interpretação da obra de E. R. Curtius tenha sido importante como uma alternativa analítica. No entanto, pode-se dizer que a perspectiva de Sérgio Buarque sobre a obra do filólogo alemão altera-se significativamente pelo uso que recebe na confecção da *Antologia*.

A análise panorâmica sobre o conjunto de textos produzidos no Brasil no período colonial permitiu a identificação de inúmeras regularidades discursivas, ou lugares-comuns. Alguns destes aparecem em mais de um autor, de maneira que pode-se supor que a organização da *Antologia* tenha sido pautada por um cuidado investigativo em relação a algumas destas convenções¹⁵. Assim, o historiador revia a obra de Curtius de modo que a tópica passava a ter um peso mais significativo em relação a primeira vez que apareceu comentada em artigo de jornal. Aproximadamente 7 anos antes de *Visão do Paraíso* o historiador incorpora temas da obra de Curtius e os transforma em ferramentas voltadas para análises históricas.

O material reunido nesta pesquisa lhe permitiu dar concretude a um projeto que já vinha sendo adiado desde 1943 – de uma história da literatura colonial brasileira, a convite de Álvaro Lins, como parte de sua *História da Literatura Brasileira*¹⁶. Provavelmente, o intelectual reuniu alguns velhos rascunhos e começou, logo que terminou a *Antologia*, entre finais de 1951 ou início de 1952, a elaboração desta história da literatura colonial brasileira¹⁷. Sérgio Buarque nunca chegou a terminar este estudo, mas este conjunto de textos inacabados foram publicados postumamente por Antonio Candido em 1991 sob o título de *Capítulos de Literatura Colonial*.

Boa parte destes estudos sobre a história da literatura colonial brasileira foram produzidos durante o período entre 1952-4 em que Sérgio Buarque esteve na Itália. Neles é possível identificar várias ferramentas advindas da crítica literária dos anos anteriores transformadas em instrumentos de investigação histórica. Dentre estes interesses aparece a tópica, bastante alterada em relação às propostas de E. R. Curtius.

Neste texto espero ter apontado alguns caminhos para o estudo da relação entre história e crítica literária na obra de Sérgio Buarque dos anos 1950. Estas reflexões são necessariamente incompletas, pois meu objetivo neste texto foi submeter hipóteses

preliminares a um debate público em meio a elaboração de minha dissertação de mestrado.

¹ LIMA, Luiz da Costa, Sérgio Buarque de Holanda: Visão do Paraíso, *Revista USP*, São Paulo, n. 53, p. 46, março-maio, 2002.

² HOLANDA, Sérgio Buarque de. Prefácio à segunda edição. *Visão do Paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. XVIII.

³ LIMA, Luiz da Costa, Sérgio Buarque de Holanda ... *op. cit.*, p. 51.

⁴ MOMMSEN, T. E., Petrarch's Concept of the 'Dark Ages', *Speculum*, v. 17, n. 2, 1942.

⁵ LIMA, Luiz da Costa, Sérgio Buarque de Holanda ... *op. cit.*, p. 46 (trecho originalmente em itálico).

⁶ Idem, p. 51-52.

⁷ LIMA, Luiz da Costa, Sérgio Buarque de Holanda ... *op. cit.*, p. 49.

⁸ Idem, p. 51.

⁹ Cf. LIMA, Luiz da Costa, Sérgio Buarque de Holanda ... *op. cit.*, p. 45.

¹⁰ Mimesis. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1950, p. 5, 6. Republicado na *Folha da Manhã*. São Paulo, 28 de novembro de 1950, p. 4. Contido em HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Espírito e a letra. Estudos de crítica literária*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996, v. 2, p. 289-293.

¹¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Espírito e a letra*, *op. cit.*, p. 289.

¹² HOLANDA, Sérgio Buarque de. Universalismo e provincianismo na crítica. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1948, p.1. Contido no *Espírito e a letra*, *op. cit.*, p. 58, 59.

¹³ As atividades de Sérgio Buarque no Instituto Nacional do Livro, no qual foi diretor da Divisão de Publicações entre 1939 e 1945, são importantes no seu amadurecimento como crítico, estreitando relações com um grupo de intelectuais também funcionários do Instituto como Augusto Meyer, Mario de Andrade, Américo Facó e José Honório Rodrigues. Além disso, Sérgio Buarque também trabalhou como editor de várias obras. É possível que mesmo já desligado da instituição Sérgio Buarque tenha impulsionado, juntamente com A. Meyer, a publicação do *Literatura européia e idade média latina*. Sobre o Instituto Nacional do Livro, ver: OITICICA, Ricardo. *O Instituto Nacional do Livro e as ditaduras: a academia brasileira dos rejeitados*. Rio de Janeiro (RJ), 1997. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, PUC/RJ. Sobre o papel de Sérgio Buarque como editor, ver: CARVALHO, Marcus Vinicius Corrêa. *Outros lados: Sérgio Buarque de Holanda, crítica literária, história e política*. Campinas (SP), 2003. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp.

¹⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *Antologia dos poetas brasileiros da fase colonial*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/Instituto Nacional do Livro, 1952.

¹⁵ Como pode ser visto em vários trechos da *Antologia*, dentre os quais destaco as descrições da flora paradisíaca da América portuguesa dispostas de modo muito semelhante em autores como Manuel Botelho de Oliveira (p. 115-117), Manuel de Santa Maria Itaparica (p. 153-6) e Santa Rita Durão (p. 182-183). As indicações de páginas remetem a segunda edição da *Antologia dos poetas brasileiros da fase colonial*, *op. cit.*

¹⁶ Cf. CANDIDO, Antonio. Introdução. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de literatura colonial*. São Paulo: Brasiliense. 1991. p. 9. Foram publicados desta coleção apenas os volumes *Prosa de Ficção* de Lúcia Miguel-Pereira, e *Literatura oral*, de Luís da Câmara Cascudo, respectivamente em 1950 e 1952.

¹⁷ Sérgio Buarque utilizou os comentários críticos que fez no final da *Antologia* como base de alguns comentários em seus textos que foram publicados como *Capítulos de literatura colonial*, como, por exemplo, os comentários à *Prosopopéia*, de Bento Teixeira na p. 492-3 da segunda edição da *Antologia* e p. 40-1 de *Capítulos de literatura colonial*, *op. cit.*